

HISTORIOGRAFIA

OS ESTUDOS BRASILEIROS E OS "BRAZILIANISTS".

JOSÉ HONÓRIO RODRIGUES
da Academia Brasileira de Letras e da Universidade
Federal Fluminense.

I

OS ESTADOS UNIDOS.

Quando, em 1943-1944, estive nos Estados Unidos, estudando e pesquisando, conheci muitas bibliotecas públicas e universitárias, e o grande Arquivo Nacional dos Estados Unidos. Nas Universidades já se ofereciam cursos de estudos latino-americanos, centralizados sobretudo no estudo da língua espanhola, portuguesa em menor escala, etnografia em espanhol, e raras propunham o ensino da literatura comparativa, antropologia, economia, geografia, política e história latino-americana, sempre em conjunto; raríssimas, como a Colúmbia, ofereciam aulas de história social e econômica do Brasil, e também do México e da América Central, e ainda da Argentina, Uruguai e Paraguai. Havia pouca especialização por países e áreas, e se via predominantemente a América Latina como um bloco uno e uniforme.

Ao contrário dos cursos, havia bibliotecas especializadas, algumas com coleções raríssimas de brasileira, como a *John Carter Brown Library* (Providence, Rhode Island), e a *Newberry Collection* (Newberry Library, Chicago, Ill.); a primeira com cerca de oitenta por cento do famoso catálogo de livros raros brasileiros organizado por José Carlos Rodrigues. Mais tarde conheci a Biblioteca da Universidade do Texas, em Austin, uma das mais ricas sobre a América Latina em geral e o Brasil em particular, e a da Universidade da Califórnia (Bancroft Library), em Berkeley, que possui documentos reproduzidos do *Board of Trade* da Escócia, extremamente importante para o estudo do capital e da indústria inglesa no Brasil no século XIX, e documentação microfilmada do Arquivo Ultramarino, a grande fonte para o estudo do Brasil nos séculos XVI a XVIII.

Havia poucos conhecedores do Brasil, mas a *The Hispanic American Historical Review* já havia sido fundada (1918-), e nela se publicavam os primeiros ensaios dos especialistas americanos em América Latina, que começavam a aparecer, ao lado da expansão do comércio e do capital norte-americano, em luta com o inglês. Já havia uma compreensão política da iniciativa cultural, tanto que o Presidente Woodrow Wilson aprovara o novo projeto literário e expressava a opinião que ele conduziria a importantes resultados para a erudição e o desenvolvimento do sentimento cordial pelas Américas.

A cúpula do sistema de estudos latino-americanos estava na Fundação Hispânica da Biblioteca do Congresso, outra demonstração de inteligência política, a centralização, no Congresso, dos esforços para o estudo da América Latina. Como o Congresso representa um grande papel no governo americano, é compreensível que nele se reunisse a maior e melhor informação sobre a América Latina.

De 1943-44 a 1960 fui muitas vezes aos Estados Unidos, do Norte ao Sul, e do Oeste ao Leste, e como nunca fiz turismo — as viagens eram sempre de estudos, conferências, reuniões, congressos —, tive oportunidade de ver e rever as bibliotecas universitárias e públicas, das quais se destacava, de longe, a Biblioteca de Nova Iorque. Como já conhecera desde 1950 as principais bibliotecas e arquivos europeus, sobretudo o Museu Britânico (Biblioteca), o *Public Records Office* (Arquivo da Grã-Bretanha), e a Biblioteca e o Arquivo Nacionais de Paris, bem como os espanhóis, portugueses, italianos, de que dei notícia num trabalho *As Fontes da História do Brasil na Europa* (1950), podia comparar e ver a diferença enorme que distingue a Biblioteca e o Arquivo europeus dos americanos. Desde então costume dizer que quem não conhece arquivo e biblioteca americanos, não sabe o que é arquivo e biblioteca. A única exceção que fiz mais tarde, foi incluir o Canadá e a Holanda ao lado dos Estados Unidos; o primeiro em arquivo e biblioteca, a segunda em arquivo, e a Alemanha cujo único modelo equiparável é a Biblioteca de Munique, que conheci este ano (1975).

Esta introdução explica porque os Estados Unidos estavam preparados para formar os maiores e melhores quadros e liderar a produção bibliográfica mundial especializada em América Latina e Brasil. Durante alguns anos não houve progresso nos estudos. Foi em 1960 que se gerou o impulso que favoreceu a formação, na década de 60-70, de cerca de 600 *brazilianists*. O lançamento do *Sputnik* (1958) abalou os Estados Unidos, e quando John F. Kennedy subiu ao poder, promoveu a reforma da educação, e nela se considerou crítico o conhecimento do português; o que significava o estudo do Brasil em todos os seus aspectos, históricos, políticos, econômicos e sociais. Todos reco-

nheciam, por um lado, que era necessário reformular a educação, e o próprio Dr. Werner von Braun disse, num simpósio, que

“nosso problema não é treinar mais cientistas, mas treinar e educar o povo em todos os campos”.

Por outro lado, a política externa independente brasileira criara, nos Estados Unidos, um sentimento de apreensão em face do nacionalismo brasileiro e dos rumos que iria seguir.

Daí a expansão dos estudos brasileiros, amparados com recursos do Executivo nas Universidades e Bibliotecas, cursos novos, professores brasileiros, bolsas, ajuda para pesquisa nos Estados Unidos e no Brasil, e amparo do Congresso e das Fundações privadas. Desde então, muitos professores brasileiros foram anualmente contratados, e eu, pessoalmente, recebi convites constantes, e em 1966 tive a oferta de um professorado com estabilidade, e o salário de 22.000 dólares anuais. Aceitei os convites de um semestre e nunca de um ano, pois achava que dedicando-me ao estudo do Brasil não poderia permanecer fora do meu país, e sujeitei-me, assim, aos ordenados inferiores dos professores brasileiros de ensino superior, com exceção recentemente dos das Universidades de São Paulo e a de Brasília.

Foi este desenvolvimento que produziu seiscentos “brasilianistas” e a colossal produção bibliográfica que se não é toda de boa qualidade, como é natural, contribui sempre, mesmo quantitativamente, para mostrar a nossa deficiência.

Fundaram-se novas revistas para acolher os trabalhos dos norte-americanos. Se *The Americas* estava criada desde 1944 e era dedicada à história cultural inter-americana, como órgão da *Academy of American Franciscan History*, o *Journal of Inter-American Studies* (depois *Journal of Inter-American Studies and World Affairs*) é de 1959, a *Luzo-Brazilian Review* é de 1964, e neste mesmo ano de 1964 forma-se a sociedade *Conference on Latin American History* cuja lista de membros atinge em 1975 a 765, sem contar os 15 canadenses, os 10 brasileiros, 9 mexicanos, e uns poucos de outros vários países, que na sua grande maioria se limitam a receber o informe (*Newsletter*) que a *Conference* remete sobre as reuniões dos vários comitês regionais: Brasil, México, Gran-Colômbia, Caribe e América Central, Andes, Chile, e Rio da Prata, as notícias sobre bolsas, ajudas, notas sobre as novidades das instituições bibliotecárias, arquivísticas e universitárias e sobre movimentação profissional. A *Conference* reúne-se durante o encontro anual da Associação dos Historiadores Americanos, sempre em dezembro, e este ano o Comitê de Estudos Brasileiros discutirá “O Clima da Pesquisa no Brasil”, e “As oportunidades de Ensino no Brasil para historiadores americanos”.

Esta última questão liga-se à contração do mercado de trabalho americano, em face da crise econômica, e à expansão do mercado brasileiro, pelo maior número de Universidades, Faculdades isoladas, cursos de pós-graduação, com a insuficiência da formação de pessoal de alto nível no Brasil. As nossas Universidades, especialmente a chamada do Brasil (atual Federal do Rio de Janeiro) e as mais antigas federais, como Bahia, Pernambuco, Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul e todas as demais em geral cuidaram somente da formação de professores para o nível secundário, e não formaram historiadores, pesquisadores, professores de nível superior. A exceção foi a Universidade de São Paulo, o que não bastou, não só porque a quantidade não corresponde à qualidade, mas porque dificilmente um professor de São Paulo aceita um posto federal, onde receberá três a quatro vezes menos. Os novos mestres da Bahia, Pernambuco, Fluminense, Paraná e Rio Grande do Sul começam a aparecer.

Por esta razão, o número de setembro de 1975 da *Conference* trazia uma informação dizendo que a Universidade de Minas Gerais, pretendendo expandir seu programa de graduação, oferecia emprego a professores americanos no campo da história, da sociologia, da antropologia, com salários na área de 15.000 dólares anuais, o que talvez não pague aos nacionais. Neste mesmo número, o Professor Richard Morse, da Universidade de Yale e que já ensinou em São Paulo, escrevia uma nota sobre o Programa de Graduação em História no Brasil, para informação dos interessados, e, conseqüentemente, do debate sobre o problema na próxima reunião de dezembro deste ano.

*

A deficiência dos nossos quadros.

Foi culpa nossa, sobretudo dos vários governos e das Universidades, a deficiência dos nossos quadros. Além da insuficiência de professores de nível superior, grande parte do ensino superior federal está entregue a professores de nível médio e não superior. Vão, assim, professores americanos disputar os cargos, ocupa-los, este é o fato, e simplesmente porque não temos pessoal qualificado. Não temos, não só porque as Universidades se omitiram, mas porque os governos nestes últimos quinze anos nada fizeram, pelo contrário, não reconheceram a profissão de historiador e pesquisador de história, não criaram o mercado de trabalho, com a inexistência de posições públicas pelo menos nas Bibliotecas, Arquivos, Museus, e sobretudo em face da reforma desnacionalizadora do ensino que aboliu o estudo da História, incluindo-o nas Ciências Sociais. Quem quer especializar-se em história diante desta falta de perspectiva? Esqueceram-se os executores da

política educacional que a língua e a história são as duas maiores forças espirituais que unem a nação e a projetam para o futuro.

Lembro-me de uma passagem de Arnold Toynbee, em que o grande historiador recentemente falecido, conta que certas regiões da Grécia perderam a língua e a religião, passando a falar turco e a praticar o islamismo. Todo o debate sobre o problema da língua, e o apelo para a volta à redação se iguala em gravidade à situação da história.

Não se trata de preservar a memória nacional, como se tem falado, defendendo o patrimônio histórico; não se trata de evitar a alienação de documentos e livros raros; não se trata de recolher e custodiar os grandes acervos documentais produzidos no país, registrando nossas realizações; não se trata de recrutar em massa professores estrangeiros, especialmente americanos para ensinar ou escrever a história do Brasil. Trata-se, sobretudo, da formação de quadros brasileiros, pois ninguém deve saber mais sobre a formação brasileira que os próprios brasileiros. E todos sabemos que não se forma um bom conhecedor profundo da nossa história com menos de vinte anos.

Este processo de descaracterização e desnacionalização da cultura brasileira nos seus dois fundamentos essenciais — a língua e a história — é uma ameaça muito séria e grave. Será que a atual tecnologia dominante pretende multinacionalizar a língua e a história?

Quando o General Costa e Silva baixou a lei nº 5.741, de 9 de julho de 1968, dispondo sobre a exportação de livros antigos e conjuntos bibliográficos, tomou apenas uma medida entre as várias que deveriam ter sido tomadas. Muitos estrangeiros, homens de negócios, que por *hobby* ou para investir compravam livros raros ou remeteram pelo correio aos poucos as coleções, ou as famílias dos falecidos conservaram-nas em suas casas, sem proveito público, conjuntos de grande raridade, e um dia, quem sabe, poderão incorporar-se aos acervos públicos ou universitários brasileiros.

Quando o coronel Adyr Gyimaraes faleceu deixando a terceira grande coleção de livros raros que vinha organizando, o governo da Austrália comprou os 14 mil volumes por cinco dólares cada volume, perfazendo 60.000 dólares. Vejo agora na mesma *Newsletter* de novembro de 1975 que *La Trobe University* de Melbourne, Austrália, anuncia a oferta de uma posição de professor de história latino-americana especializado na história nacional do Brasil, com um salário total de 16.193 dólares australianos.

O governo da Austrália sabia, o que estava fazendo, e o lugar provavelmente será ocupado por um professor norte-americano.

Ao fazer estas considerações não me move nenhum ressentimento contra a vinda de professores americanos. Recordo que quando se fundou a Universidade do Rio de Janeiro e a de São Paulo contrataram-se grandes nomes da historiografia francesa. Na sua maioria não eram especialistas da história do Brasil, mas em história antiga, moderna e contemporânea. Que discípulos deixaram? A nossa historiografia andou aos trancos e solavancos produzindo suas melhores e piores obras por autores que não podem ser chamados seus discípulos, mas terão sido influenciados pela obra que escreveram.

Há agora um verdadeiro alude, como vimos, de mais de 700 especialistas americanos, boa parte sobre o Brasil, e só uns poucos serão realmente bons historiadores. Num inquérito publicado pela Embaixada do Brasil em 1970, sobre o ensino da língua portuguesa e os estudos luso-brasileiros e latino-americanos nas instituições de ensino superior nos Estados Unidos (*A Survey of the Portuguese Language, Luso-Brazilian and Latin-American Area Studies in Institutions of Higher Learning in the United States*, Washington), apurava-se haver 174 Universidades e colégios que ofereciam cursos nestas áreas.

Há uma bibliografia histórica norte-americana de primeira ordem, mas há muita de má qualidade. E sobretudo grande parte desta bibliografia foi *policy-oriented*, isto é, teve por finalidade — daí a grande ajuda financeira —, a informação política para vários órgãos do governo americano.

Vejo também as Universidades brasileiras sem pessoal capaz, no dilema de deixar de cumprir seu programas em face da falta de recursos humanos, ou contratar não digo qualquer um, mas elementos estrangeiros menos capacitados, alguns em princípio de carreira. Os ótimos ou bons não terão interesse em se transferir para o Brasil.

Existe hoje funcionando no Brasil a *Latin American Teaching Fellowships*, cujo programa visa assistir e acompanhar o desenvolvimento do ensino superior no Brasil, através do fornecimento de professores norte-americanos bolsistas. Os custos administrativos são subvencionados por doações de companhias americanas e brasileiras, e em parte por organizações como a Fundação Ford e a USAID.

Tudo isso pode nos levar a um processo de descaracterização da cultura nacional, o que induziu o Deputado Jorge Paulo (MDB de São Paulo) a pronunciar um discurso apelando para que o Ministério da Educação desenvolvesse uma campanha visando estimular a mocidade brasileira a prestigiar o caráter nacional de nossa cultura.

A visão norte-americana da história do Brasil não é a visão brasileira, e se deve limitar, em cada departamento de história, o número

de professores estrangeiros, para que haja um equilíbrio no ensino da nossa história ao nível superior. Porque é do nível superior que vem a formação média e desta a primária. E se nessa cadeia se atinge, com a interpretação estrangeira, ao nível primário, um sério perigo multinacionalizador ameaçaria a nossa mocidade.

O afluxo de jovens professores americanos deve ocorrer neste próximos cinco a dez anos. Neste prazo já as relações internacionais americanas exigirão novas especializações, sobretudo onde se apliquem seus grandes recursos. Basta ler o Relatório Anual do *Social Science Research Council* de 1973-1974, para ver que a grande concentração de bolsas de estudo é hoje para a China e África.

Ao lado da crise do mercado interno universitário e público federal e estadual, desenvolveram-se novas áreas de estudo, razão porque o interesse nacional americano pretende formar novos quadros de especialistas. Se somarmos a isso a discriminação atual que impede que a Universidade escolha o novo professor pelo seu mérito, pelo *curriculum vitae*, e sim de acordo com a necessidade de ter no quadro docente tanto por cento de negros, e tanto por cento de mulheres, pode-se bem avaliar a difícil situação dos novos professores norte-americanos.

O interesse pelo Brasil é e continua muito vivo, e na reunião de dezembro, a que já nos referimos, haverá dois debates sobre os temas “A oligarquia brasileira durante a República” e o “Impacto do profissionalismo dos militares latino-americanos do século vinte”, com uma sessão especial sobre “Os militares brasileiros do século vinte”.

Não existe uma publicação bibliográfica especializada que registre os livros sobre o Brasil publicados nos Estados Unidos, mas pode-se acompanhar e conhecer tudo que se edita pelas resenhas críticas das revistas especiais que já citamos. Cada vez mais elas publicam estudos sobre o Brasil feitos por americanos, e as notas bibliográficas são predominantemente sobre livros americanos, pois a produção bibliográfica americana é talvez maior que a brasileira. Além disso, anualmente sai o *Handbook of Latin American Studies* (último nº 36, de 1974, University of Florida Press).

A *Xerox University Microfilms*, em Ann Arbor, Michigan, publicou a *Latin American. A Catalog of Dissertations* (1974), contendo uma lista completa de teses de doutoramento apresentadas nas Universidades, dividida tematicamente, onde facilmente se localiza e se manda buscar a monografia que se deseja, que não foi ou não será publicada, mas pode oferecer elementos de pesquisa e estudo.

As bibliotecas americanas são hoje os maiores compradores de livros brasileiros e para dar dois exemplos significativos, a Universida-

de de Texas gasta 100 mil dólares por ano em livros latino-americanos, enquanto a de Minnesota dispende 20 mil dólares para o mesmo fim. A Biblioteca do Congresso mantém uma agência no Rio de Janeiro e compra em quantidade generosa a produção brasileira.

Os vários simpósios, seminários, além dos encontros anuais, tanto da *American Historical Association* (Associação dos Historiadores Americanos) sempre realizados em dezembro, com sessões especiais sobre a América Latina, ou da *Pacific Coast Council on Latin American Studies* também promovendo reuniões anuais, fomentam amplo debate sobre a América Latina em geral e o Brasil em especial, e desenvolvem os estudos dos especialistas e a formação de novos mestres.

A Universidade de Los Angeles realizou em 1971 e 1972 dois projetos dedicados ao Brasil. No primeiro, *Brazil: Titan in Transition*, promoveu-se um curso de 30 dias de viagem ao Brasil, dirigida por um professor, e com um curso de conferências no Brasil. O segundo resultou na publicação mimeografada (27 págs.) da *Semana de Arte Moderna. Symposium (1922-1972)*, sendo editor Claude L. Hulet, comemorando o 50º aniversário da Semana de Arte Moderna no Brasil e o 150º aniversário da Independência do Brasil. São ao todo vinte ensaios predominantemente literários sobre Machado de Assis, Mário de Andrade, o Negro na Poesia, a Literatura Brasileira do século vinte, sobre Carlos Drummond de Andrade (2 estudos), sobre o português falado no Brasil, sobre o teatro brasileiro, sobre Anibal Machado, sobre a herança literária de 1930 no Nordeste Brasileiro, sobre Graciliano Ramos, sobre a Pintura brasileira, sobre Adonias Filho.

O Guia para a história da América Latina (*Latin America: A Guide to the Historical Literature*, University of Texas Press, 700 págs., 25 dólares) é obra de consulta de consumado valor historiográfico.

Assim tudo facilita a formação e o amadurecimento dos “brazilianistas”, cujos quadros em recesso se oferecem hoje ao ensino superior da história do Brasil. A historiografia americana está profissionalizada, o que não acontece no Brasil, como vimos.

A predominância norte-americana no Brasil, no comércio, na técnica, no capital, com 102 milhões de dólares investidos entre 1968-1972, traz a correspondente necessidade de informação que gerou os quadros especializados de historiadores e pesquisadores. A importação do *know-how* americano em várias atividades brasileiras terá agora sua correspondência no ensino da nossa própria história, o que é surpreendente e extremamente arriscado. A dissídia das autoridades gover-

namentais, especialmente educativas e universitárias, provocou nestes últimos quinze anos esta situação inédita e acabrunhadora.

Estamos, assim, diante da ameaça de vermos nossa história multinacionalizada, ensinada e escrita por profissionais americanos e de outros países. Sempre lhes faltará a integração e a consciência nacional indispensáveis ao exercício da missão.

A diferença essencial entre ontem e hoje é que antes eles escreviam e estavam ganhando a batalha da produção sobre estudos brasileiros, e agora eles se candidatam e são procurados para ensinar aos brasileiros problemas nacionais e a nossa história do Brasil. Os norte-americanos são os primeiros, mas veremos que há pelo mundo outros centros de estudos brasileiros, formando quadros de especialistas e produzindo bibliografias.

Em conclusão, deve-se reconhecer a significação para o Brasil desse interesse cultural e científico americano pelo Brasil — seu papel político-econômico — e sobretudo admitir que diante da insuficiência dos recursos humanos brasileiros temos que recorrer a eles como professores enquanto não desenvolvermos nossos quadros de pessoal altamente qualificado.

* * *

*

II

OS ESTUDOS BRASILEIROS E OS “BRAZILIANISTS” INGLESES E FRANCESES.

1. — *Grã-Bretanha.*

Quando o comércio e o capital ingleses eram dominantes no Brasil, o que ocorreu desde a Independência até a década dos 20 para os 30 deste século, se não havia, como atualmente, centros de estudos, quadros especializados, produção bibliográfica, havia maior interesse na Grã-Bretanha pelo Brasil que em qualquer outra nação, excetuado, naturalmente, Portugal. O capital britânico na América Latina, que em 1830 era de 20 milhões de libras esterlinas, subira para 180 milhões em 1876, e a um bilhão, em 1913.

Da metade do século dezenove até a Primeira Guerra Mundial, a América Latina supria um décimo das importações britânicas e recebia dez por cento das exportações britânicas. No Brasil, o auge do investimento em termos comparativos latino-americanos foi, em 1880,

de mais de 38 milhões de libras esterlinas (1º lugar na América), subindo em 1890 para mais de 68 milhões de libras (2º lugar, depois da Argentina), para atingir a mais de 285 milhões de libras em 1928 (2º lugar), e iniciar a contração já em 1939, caindo para mais de 260 milhões de libras (2º lugar) e em 1949 para mais de 170 milhões de libras (1º lugar).

A predominância britânica foi um campo especial de pesquisas, curiosamente realizadas por americanos, e não ingleses.

Um dos maiores livros escritos por um americano sobre o Brasil foi o Professor Alan K. Manchester, *British Preeminence in Brazil. Its Rise and Decline* (Univ. of North Carolina Pres, 1933), somente em 1974 traduzido para o português, pessimamente: *A Preeminência Britânica no Brasil. Sua Ascensão e Declínio*.

Este tema foi retomado por Richard Graham no seu estudo *Britain & the Onset of Modernization in Brazil, 1850-1914* (Cambridge Univ. Press, 1968) — *A Grã-Bretanha e o começo da modernização do Brasil*, Brasiliense, 1973.

E agora por Stanley E. Hilton, no seu livro que acaba de sair *Brazil and the Great Powers, 1930-1939. The Politics of Trade Rivalry*, (Univ. of Texas Press, 1975 — Brasil e as Grandes Potências, 1930-1939. A Política da Rivalidade Comercial, que será editado em português pela Civilização Brasileira). Aí se retrata o fim do domínio britânico, a ascensão germânica, a luta com os americanos e a vitória momentânea dos alemães, pois os ianques serão, ao final, os sucessores dos ingleses.

Hilton foi meu aluno na Universidade do Texas em 1963-64, assim como fui nomeado *tutor* pela Universidade de Cambridge do jovem Arthur Pryor, que em 1961 preparou uma excelente tese de doutoramento sobre as relações comerciais entre o Brasil e a Inglaterra, ainda inédita: *Anglo-Brazilian Commercial Relations and the Evolution of Brazilian Tariff Policy, 1822-1850* (Relações comerciais anglo-brasileiras e a evolução da política tarifária brasileira). Infelizmente Arthur Pryor desistiu da carreira universitária e preferiu entrar para a carreira burocrática.

Com estes estudos iniciava-se e encerrava-se o exame do ciclo do domínio britânico, não em uma única monografia, mas em várias.

Este assunto, visto de uma maneira geral, e não especificamente sobre o Brasil, se enquadrava na problemática da expansão imperialista inglesa e daí o desenvolvimento de uma historiografia sobre as relações entre o liberalismo econômico e o imperialismo britânico formal

ou informal e sobre o predomínio inglês em Portugal, ainda quando o Brasil era colônia portuguesa. Abriu este debate Frederick Clairmont, com seu estudo *Economic Liberalism and Underdevelopment*, primeiro publicado em francês, Genebra, 1958; trad. inglesa, Asia Publishing House, Bombaim, 1960 (Liberalismo econômico e subdesenvolvimento).

Segue-se o Professor D. C. M. Platt, que discutiu a tese sob o ponto de vista da política exterior, no seu *Finance, Trade and Politics. British Foreign Policy, 1815-1914* (Oxford, 1968 — Finanças, Comércio e Política. Política Exterior Britânica).

Trata-se do primeiro estudo sobre a influência do comércio e das finanças internacionais na conduta da política exterior britânica. Este mesmo autor concentrando ainda seu campo, publicou *Latin America and British Trade, 1806-1914* (Londres, 1972 — A América Latina e o Comércio Britânico).

Reforçando a idéia de que o liberalismo econômico foi uma doutrina inglesa nascida numa fase do capitalismo e nada tem a ver com o liberalismo político, e que serviu para firmar o predomínio mundial britânico, Bernard Semmel publicou *The Rise of Free Trade and Imperialism. Classical Political Economy. The Empire of Free Trade and Imperialism, 1750-1850*. (Cambridge Univ. Press, 1970 — A Ascensão do Imperialismo e do Comércio Livre. A Economia Política Clássica. O Império do Comércio Livre e o Imperialismo).

Quanto a Portugal, tanto nas suas relações comerciais ou como parte informal do Império Britânico, o estudo de H. E. S. Fisher, *The Portugal Trade. A Study of Anglo-Portuguese Commerce, 1700-1770* (Londres, 1971), (já comentado por mim em nota no *Suplemento do Livro do Jornal do Brasil*), e o do holandês S. Sideri, *Trade and Power. Informal Colonialism in Anglo-Portuguese Relations* (Rotterdam, 1970 — Comércio e Poder. Colonialismo nas Relações Anglo-Portuguesas) — revelam até que ponto Portugal se integrou informalmente no Império Britânico, levando com ele o Brasil, transformado, assim, em colônia informal de uma colônia informal, como perceberam os líderes e publicistas portugueses à época da revolução liberal portuguesa de 1820.

Não se trata de teses marxistas, como as do mais habil, tolerante e persuasivo marxista britânico, E. J. Hobsbawm, autor do livro *Industry and Empire* (Londres 1950 — Indústria e Império), ou do falecido J. A. Hobson, cujo *Imperialism* (1902) teve tão poderosa influência nos revolucionários europeus. Este não soube distinguir, como fazia Gramsci, entre a hegemonia no momento de consentimento e o domínio pela coerção.

No Brasil independente, estabelecido o predomínio inglês, alternavam-se momentos de consentimento com os de coerção. Desde o começo do período nacional, a história do Brasil foi escrita no estrangeiro por ingleses, pois era a Inglaterra a principal interessada na nossa economia. Andrew Grant (*History of Brazil*, 1809), Robert Southey (*History of Brazil*, 1810-19, 3 vols.), James Henderson (*A History of Brazil*, 1821), e John Armitage (*The History of Brazil*, 1836, 2 vols.), são exemplos impressionantes de uma historiografia devotada ao Brasil, na qual se destacam Southey, que escreveu a melhor história do Brasil do período colonial, e Armitage, a melhor dos anos de 1808 a 1831.

No começo do século dezenove são os viajantes ingleses Mawe, Koster, Luccock, e muitos outros, que reafirmam o interesse britânico comercial e econômico refletido na literatura histórica. A partir de 1870, quando viajantes, cientistas e naturalistas de outros países tinham sido atraídos ao Brasil e sobre ele escreviam, começam a aparecer os relatórios consulares, uma fonte fundamental para a história econômica brasileira, composta de milhares de exposições anuais sobre todas as cidades brasileiras onde residia um consul, até à década de 1940. Nem o Ministério das Relações Exteriores, nem o da Fazenda possuem este acervo, que existe na Inglaterra e nos Estados Unidos, onde, em 1966, na Biblioteca da Universidade do Texas, encontrei uma coleção completa que consultei um a um, selecionei e microfimei.

Serve esta introdução para mostrar que independente do interesse acadêmico, sem apôio oficial, exceto para os relatórios, que são oficiais, houve sempre um enorme interesse britânico pelo Brasil, baseado no comércio e no investimento, como já aponteí.

Foi somente neste século que surgiu, com apôio financeiro do Governo português, a cadeira Camões no King's College, exercida por Edgar Prestage, que produziu valiosa bibliografia sobre Portugal, de grande interesse para o Brasil, muito conhecida entre os estudiosos. Prestage foi depois substituído por Charles R. Boxer, também autor de numerosos estudos sobre a expansão portuguesa no Oriente e, mais tarde, sobre o Brasil, no período colonial. A nomeação de Boxer, sugerida por Prestage, causou grande surpresa nos meios universitários ingleses, pois ele era major do Exército, empregado no serviço de inteligência na China. Prestage tem a maioria de seus livros traduzidos em Portugal, e Boxer, em Portugal e no Brasil.

Foi somente em 1948 que se inaugurou a primeira cadeira de história latino-americana na Universidade de Londres, e seu professor, R. A. Humphreys publicou a aula inaugural, *The Study of Latin*

American History (Londres, 1948 — O Estudo da História Latino-Americana) —, dedicando-se à América Hispânica. Desde então até 1964, na Grã-Bretanha só havia esta cadeira e a de Boxer.

O relatório de J. H. Parry — *Report of the Committee on Latin American Studies* (Londres, 1965) — propôs a criação de cinco centros universitários para o estudo da América Latina: em Cambridge, Glasgow, Liverpool, Londres e Oxford. Neles deveriam ser criados, entre 1965 e 1972, postos de professores especializados e ampliados os recursos para expansão das bibliotecas, novos cursos de pós-graduação deviam ser estabelecidos, e se daria ênfase à visão interdisciplinar; buscar-se-iam recursos para manter pesquisas e viagens à América Latina, e Londres seria o centro principal de informação. Desde a criação destes cinco centros, história e literatura constituíram as matérias mais procuradas, e aos poucos eles se concentraram deliberadamente em várias áreas. O fato é que já em 1966-1967 havia 117 teses em progresso nestes centros universitários de literatura e de ciências sociais, dominando o campo geral latino-americano, sendo apenas nove sobre o Brasil; em 1968-1969, o número se elevou a 175, e 10 sobre o Brasil; em 1970-1971, a 234, e 20 sobre o Brasil; em 1971 a 1972, a 269 e 23, respectivamente; em 1972-1973, a 284 e 28; em 1973-74, a 286 e 37; em 1974-1975, a 297 e 38. Esses dados são colhidos e publicados anualmente pela Universidade de Londres, assim como os trabalhos em execução ou realizados anualmente pelos professores (*Theses in Latin American Studies at British Universities in Progress and Completed* e os *Staff Research in Progress or Recently completed in the Humanities and the Social Sciences*).

J. H. Parry, grande historiador da expansão ibérica, autor de obras clássicas sobre a matéria e atual titular da cadeira de *Oceanic History* (História Marítima) na Universidade de Harvard, substituindo S. E. Morrison, que foi chefiar as pesquisas históricas do Pentágono, com seus outros companheiros, deu um grande impulso aos estudos latino-americanos na Grã-Bretanha, tanto que hoje, vinte e quatro Universidades, afora os cinco centros iniciais, oferecem cursos latino-americanos, sendo que em Bristol, Essex, Manchester, Newcastle e Southampton, a opção é variada e ampla, e a publicação anual *Institute of Latin American Studies* fornece a lista dos professores latino-americanistas nas várias Universidades.

A Grã-Bretanha é o único país que mantém um serviço de informação anual sobre as teses em progresso e os trabalhos em realização e realizados pelos professores. (Vide *Latin American Studies in British Universities. Progress and Prospects*, por Harold Blakemore, professor e secretário do Instituto, em Londres).

A Universidade de Londres criou a primeira cadeira de História do Brasil, que é ocupada pelo Professor Leslie Bethell, autor de *The Abolition of the Brazilian Slave Trade* (Cambridge, 1970), que a preparou com minha colaboração no Rio de Janeiro.

A publicação, duas vezes por ano, do *Journal of Latin American Studies* (Cambridge, nº 1, maio 1969-), como órgão dos cinco centros, acolhe sobretudo os trabalhos dos professores britânicos, e é hoje uma das melhores revistas especializadas sobre a América Latina.

Em 1949 fundava-se "The Hispanic Council" e "The Luso-Brazilian Council", que tinham por fim promover o conhecimento da linguagem, cultura e economia dos países ibero-americanos na Grã-Bretanha, e promover melhores relações entre a Grã-Bretanha e a América Latina. Os dois Conselhos localizam-se na Canning House, e possuem excelente biblioteca, organizam conferências e seminários, e publicam o *British Bulletin of Publications on Latin America, The West Indies, Portugal and Spain*.

*

2. — *Canadá.*

O Canadá, que possui um sistema muito adiantado, dos melhores do mundo, de arquivos e bibliotecas e Universidades de grande categoria, desenvolveu o estudo latino-americano, organizou uma associação canadense de estudos latino-americanos e lançou desde 1972 *NS*, uma revista com a sigla que exprime o mesmo conceito Norte Sul, nas quatro línguas continentais. Tem contratado muitos professores ingleses e norte-americanos, e tal como nos Estados Unidos concede bolsas para graduados e professores completarem suas pesquisas. Provavelmente o mais importante estudo publicado no Canadá sobre a América Latina é o de Thomas C. Bruneau, da Universidade Mac-Gill sobre a Igreja Católica no Brasil.

*

3. — *França.*

Todos sabem da influência francesa no Brasil, e do grande e extraordinário trabalho realizado pela Aliança Francesa no nosso país. A vinda anual de professores franceses do Brasil para várias Universidades, o predomínio da cultura francesa, especialmente nas Universidades de São Paulo e Rio de Janeiro, Paraná e muitas outras, dão uma vantagem muito grande aos franceses em relação aos demais no campo da influência cultural. Relembre-se que a Universidade de Montpellier educou e formou muitos brasileiros nos fins do século dezoito e sobretudo no começo do século dezenove.

Na França, no começo somente a Sorbonne e a Universidade de Toulouse mantinham cursos de língua e literatura portuguesa, nesta compreendendo-se a história, política, etc. Na primeira, o Professor Léon Bourdon, titular da cadeira, pouco produziu, e hoje está substituído pelo Professor R. Cantel, antigo especialista em Antônio Vieira, e hoje em literatura de cordel. A edição crítica feita pelo Professor Bourdon das *Notes Dominicales* de L. F. Tollenare (Paris, 1971-1973, 3 vols.) é um grande serviço à cultura brasileira.

Com os anos alargou-se a rede de estudos latino-americanos na França e são várias as Universidades que oferecem cursos sobre a América Latina e o Brasil. Em 1954, criou-se o Instituto de Altos Estudos sobre a América Latina, ligado à Universidade de Paris; ele funciona como um centro de ensino, de pesquisa e de documentação. Tal como na Inglaterra, nem as bibliotecas nem os arquivos oferecem condições ideais de trabalho, ao contrário do que acontece nos Estados Unidos e no Canadá. A Biblioteca Nacional de Paris, assim como o Museu Britânico funciona muito mal, cria enormes dificuldades de acesso, exige apresentação da Embaixada ou consular, o que dificulta o trabalho de todos, e não oferece facilidades de serviços de microfilmagem. Como as bibliotecas latino-européias e hispano-americanas em geral são modelos do que não devia ser o funcionamento de uma biblioteca. A de Santa Genoveva é mais rica sobre o Brasil antigo que qualquer outra, devido ao interesse de Ferdinand Denis, grande estudioso do Brasil. Há naturalmente muita riqueza documental, especialmente no Arquivo do Ministério do Exterior, e no Nacional, como já apontei tanto n'*As Fontes da História do Brasil na Europa* (Rio de Janeiro, 1950), como n'*A Pesquisa Histórica no Brasil* (2a. ed., São Paulo, 1969).

Mesmo os relatórios consulares não são tão numerosos e informativos quanto os ingleses, e consultei uma coleção na Universidade de Columbia, em Nova Iorque, incompleta, mas em melhor estado que a da Biblioteca Nacional de Paris. Não são poucos os professores dedicados ao Brasil, como Jacques Lambert, Jean Roche, Pierre Verger, Pierre Chaunu, Pierre Monbeig, Frédéric Mauro, e os mais novos como J. M. Massa e André Mansuy todos com obras notáveis e na sua maioria conhecidas e traduzidas no Brasil. A parte moderna aparece publicada em *La Documentation Française*, especialmente nas *Notes et Études Documentaires*, com números sobre América Latina. As melhores revistas sobre a América Latina são a *Revue Hispanique*, dirigida há tanto tempo por Marcel Bataillon, um dos maiores hispanistas franceses, e *Caravelle* (Toulouse, 1963-).

As últimas publicações sobre riqueza documental francesa relativa ao Brasil são iniciativas da Comissão de Textos da História do Brasil,

do nosso Ministério das Relações Exteriores, o *Catalogue du Fonds Ferdinand Denis* (Paris, 1971), e o *Catálogo de Documentos Referentes ao Brasil* (Brasília, 1975), ambos organizados por Cícero Dias, e o segundo prefaciado por José Antônio Soares de Sousa. Deixo de mencionar as obras francesas mais importante sobre o Brasil, desde Horace Say, no começo do século dezenove, até os mais recentes, porque esses são exatamente os estudos brasileiros que os estudiosos brasileiros mais conhecem.

Como veremos em conclusão, depois dos Estados Unidos é na Grã-Bretanha que se desenvolvem mais os estudos brasileiros e onde se está formando um quadro profissional altamente qualificado, que começa a ser também convocado para o ensino no Brasil.



III

OS ESTUDOS BRASILEIROS E OS “BRAZILIANISTS” ALEMÃES E SUECOS.

1. — *Alemanha.*

A primeira cadeira de estudos latino-americanos foi criada em Colônia e ocupada pelo Professor Richard Konetzke. Já havia em Marburgo um Instituto de Estudos Latino-Americanos, ligado à Universidade, onde se ensinava e se ensina língua, literatura e história do Brasil. Hoje, várias Universidades oferecem cursos de língua, literatura e história latino-americana. O Professor Konetzke, além de seus trabalhos pessoais, (como *Geschichte des Spanischen und portugiesischen volks* (História dos povos hispanicos e portugueses, 1939), dedicados à América Hispânica, é o autor da *Literaturbericht ueber Geschichte Lateinamerikas veroeffentlichungen 1945-1959* (Relação Literária sobre a História da América Latina publicada de 1945 a 1959), incluída no número especial da *Historische Zeitschrift* (Revista de História) de Munique, (1962, 343-417), uma das melhores resenhas crítico-históricas sobre livros latino-americanos e brasileiros, bem como de outra anterior bibliografia crítica sobre a América Latina, incluída na *Buecherkund zur Weltgeschichte* (Bibliografia da Historia Mundial), editada por Gunther Franz (Munique, 1956, 463-480), que nada fica a dever às grandes bibliografias históricas norte-americanas, as melhores do mundo, como, para citar apenas exemplos contendo capítulos latino-americanos, *A Guide to Historical Literature* (Nova Iorque, 1937), e *The American Historical Association's Guide to Historical Literature* (Nova Iorque, 1963).

Konetzke preparou vários discípulos, mas dois se distinguem atualmente: seu substituto na cadeira em Colônia, Günther Kahle, que não se especializa em Brasil, e George Thomas, que publicou *Die portugiesische Indianer politik in Brasilien, 1500-1640* (A política indigenista portuguesa no Brasil), editada em Berlim, em 1968, sobre a qual escrevi uma nota crítica no *Suplemento do Livro do Jornal do Brasil*.

No Instituto Ibero-Americano da Universidade de Hamburgo realiza o Professor Herbert Minnemann estudos sobre Tobias Barreto nas suas atividades jornalísticas na Alemanha, sobretudo em Bremen, e sobre as viagens de D. Pedro II à Alemanha. Existe também em Hamburgo a Casa Ibero-América (*Institut fuer Iberoamerika Kunde*), que possui boa biblioteca sobre a América Latina, promove reuniões e conferências, e publica os *Neumeldungen in Zentralkatalog* (Novos Registos no Catálogo Geral), que divulga as entradas no Catálogo Central dos escritos latino-americanos existentes na Alemanha.

O *Iberoamerika Kunde* publica estudos especiais informativos sobre a América Latina, como o de Manfredo Woechcke, *Lateinamerika in der Presse* (Stuttgart, 1973, — A América Latina na Imprensa) —, no qual tenta mostrar as imagens da América Latina nos diários e revistas escolhidos, especialmente no aspecto político e econômico, além de revelar a carga afetiva traduzida nos atributos valorativos; o de Germán Kratochwil, *Die Entwicklungshilfe der B. R. D. fur Lateinamerika* (Stuttgart, 1973 — A Ajuda ao desenvolvimento da República Federal Alemã para a América Latinha).

O Instituto publica a série *Estudos* já com 17 volumes, a série *Bibliografia e Documentação*, com 12 volumes, e a série *Investimentos privados estrangeiros na America Latina*, com 3 vols.

Em Berlim está localizada a mais importante instituição européia sobre a América Latina, o *Ibero-Amerikanische Institut* (Instituto Ibero-Americano), fundado em 1930, com a maior biblioteca latino-americana da Europa, baseada na coleção Ernesto Quesada, e na do Instituto Ibero-Americano da Universidade de Bonn, hoje extinto. A biblioteca possui sobre o Brasil, um acervo tão rico quanto o reunido e descrito por Alfredo de Carvalho na sua *Bibliotheca Exótico-Brasileira* (Rio de Janeiro, 1929, 3 vols.), e *Anais da Biblioteca Nacional*, vol. 77, (1964). Possui praticamente toda a literatura alemã sobre o Brasil, sobretudo os livros de viajantes, aventureiros, soldados, colonos durante todo o século dezanove. Publica três excelentes coleções de livros e de estudos, com 17 vols., na qual quatro são sobre o Brasil; o já citado de Georg Thomas, o de Ronald Daus, *Der epische Zyklus der Cangaceiros in der Volkerpoesie Nordostbrasilien* (O ciclo épico

dos cangaceiros na poesia popular do Nordeste brasileiro, 1969); o de Martin Gerbert, *Religionen in Brasilien* (Religiões no Brasil, 1970); o de Kaete Harms-Baltzer, *Die Nationalisierung der deutschen Einwanderer und ihrer Nachkommen in Brasilien als Problem der deutsch-brasilianischen Beziehungen, 1930-1938* (A nacionalização dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil como um problema das relações germano-brasileiras, 1970); a segunda coleção é a *Monumenta Americana*, com 7 vols., dedicados especialmente às antiguidades arqueológicas mexicanas, peruanas e aos mayas; a terceira é como a segunda a publicação de fontes sobre a história antiga da América, num conjunto de 10 vols.; publicou ainda a *Ibero-Amerikanisch Archiv* (Arquivo Ibero-Americano), 18 vols., 1924-1944, e os *Ensayos y Estudios*, revista trimestral da cultura e filosofia (6 tomos, 1939-1944).

Em Berlim, o *Geheime Stadt Archiv* (Arquivo Secreto da Prússia) perdeu 80% do seu depósito, que estão na República Democrática Alemã e nos 20% restantes encontrei vários documentos sobre a deposição de D. Pedro II, o começo da República, com a descrição dos primeiros ministérios brasileiros feita pelos ministros alemães. Já recebi a relação desta lista de documentos e a publicarei separadamente para conhecimento dos estudiosos brasileiros. O *Geheimes Staatsarchiv Preussischer Kulturbesitz* (Arquivo Secreto do Estado. Patrimônio cultural prussiano, Berlim, 1974) inventaria todo este acervo. O Arquivo possui os originais dos relatórios consultares alemães de 1870 a 1973. A coleção impressa é difícil de encontrar-se, exceto no *Ibero Amerikanische Institut*.

No Arquivo Federal da República Alemã, em Coblença, obtive também valiosas informações sobre a organização arquivística central alemã e acabo de receber o inventário dos documentos brasileiros existentes nos arquivos alemães, que igualmente publicarei em revista especializada para conhecimento dos estudiosos brasileiros.

A Universidade de Colônia criou a primeira cadeira, hoje ocupada pelo professor Dr. Günter Kahle, e uma boa biblioteca sobre a América Latina — melhor do que as dos centros latino-americanos na Inglaterra, com exceção de Londres, destacando-se aí a do próprio Instituto Latino-Americano e a do Instituto de Pesquisas Históricas.

Em Munique não há nada de especial sobre a América Latina, mas a Biblioteca do Estado — a melhor e mais bem organizada biblioteca européia, com quatro milhões de livros, possui na sua seção de Manuscritos as cartas do Mordomo Paulo Barbosa a K. Ph. von Martius, e vários folhetos raros sobre o Brasil, especialmente na época da Independência. O Museu Britânico e a Biblioteca Nacional de Paris teriam muito a aprender com a Biblioteca Estadual de Munique.

Nesta cidade, a instituição mais importante é o *Institut fuer Zeitgeschichte* (Instituto para a História Contemporânea), uma instituição livre, que tem realizado pesquisas para o governo, sobretudo na área das atividades nazistas, executando neste momento projetos sobre imigração alemã para o Brasil, quer de judeus, quer de nazistas, que se chocaram, sobretudo, como se sabe, na cidade de Rolândia, no Paraná.

Em Munique, o Professor Dr. Rudolfo Ackermann, membro da Academia Prussiana de Ciências, e que ensinou no Brasil, realiza um estudo sobre o período Vargas e a influência alemã, tendo consultado amplamente os Arquivos do Ministério do Exterior em Bonn. O pequeno volume *Informationsdienst Arbeitsgemeinschaft Deutsche Lateinamerikaforschung* (Serviço de informação sobre a comunidade de trabalho alemã na pesquisa latino-americana) muito se assemelha ao publicado pelo Instituto Latino-Americano de Londres.

Há outras instituições de estudos latino-americanos na Alemanha, na própria Universidade Livre de Berlim, onde participei, este ano (1975), de um seminário com estudantes alemães e um angolano.

A mais importante revista alemã dedicada à América Latina, de igual mérito das inglesas, americanas e francesas, é o *Jahrbuch fuer Geschichte von Staat, Wirtschaft und Gesellschaft Lateinamerikas* (Anuário de História do Estado, da Economia e da Sociedade da América Latina) editada a partir de 1964, contando já 12 vols.

Na IV Reunião dos Historiadores Latino-Americanistas, europeus, realizada em Colônia, na Alemanha, em outubro de 1975, o tema central foi a emigração européia para a América Latina. Os informes prévios foram *La Emigracion alemana para America Latina, 1815-1929/31. Fuentes y Estado de Investigacion*, por Hermann Kellenbenz e Juergen Schneider, ambos de Nuremberg; *Inventariação das Fontes e Bibliografia relativas à Emigração Portuguesa*, por Joel Serrão e Arnaldo Pereira; *Informe sobre fuentes existentes en España para un estudio de la emigracion española a Ibero America durante el siglo XIX*, por Julio Hernandez Garcia; *Emigracion Europea a America Latina: Suiza. Informe previo sobre la documentacion historica, apresentada pelo Instituto de História de Zurich*; *La Emigracion francesa a la America Latina: Fuentes y Estado de la Investigacion*, por Frédéric Mauro da Universidade de Paris; *Fuentes cuantitativas italianas relativas a la Emigracion italiana. Un analisis critico*, por Marcello Carmagnani e Giovanna Mantelli; *Analisis del problema de la Emigracion de Russia a la America Latina hasta el año 1917 en la URSS*, por A. A. Strelco, do Instituto de História da Academia de Ciências da R. S. S. da Ucrania; *A emigração polonesa para a Ame-*

rica Latina nos séculos XIX e XX, por Krzysztof Groniowski, de Varsóvia; *Investigaciones acerca de la emigración húngara hacia America Latina*, por Adám Anderle; e *La Emigracion escandinava a la America Latina*, com introdução por Magnus Moerner, e a parte da Dinamarca por Bent Morillas; da Finlândia por Olavi Lahteenmaeki, da Noruega por Budmund Stang, e da Suécia por Harald Runblom. Todos representam grandes contribuições européias ao estudo da imigração para a América, especialmente quando acabamos de comemorar o centenário da imigração italiana e alemã no Brasil. Muito ativos, os escandinavos promoverão na Universidade de Bergen, na Noruega, em junho de 1976, uma reunião sobre o tema *Níveis de Dominação na América Latina: Presente e Futuro*.

Há sempre uma relação estreita entre os estudos brasileiros e os grandes interesses econômicos que os subsidiam e por eles se importam.

O capital e o comércio alemães começaram a ser investidos e ativados há mais de um século, com a vinda dos imigrantes. No começo do século vinte, os alemães disputam aos ingleses a primazia das relações econômicas, tendo já como rivais os americanos. Depois da Primeira Guerra Mundial voltaram a disputar com os americanos a primazia britânica, mas foi somente no período anterior à Segunda Guerra Mundial que chegaram a ultrapassar os americanos, cuja preponderância se estabelecera no começo da década dos trinta. De uma percentagem de 8.9%, no comércio exterior do Brasil em 1932, comparado com 30% dos Estados Unidos, os alemães em 1936 haviam ultrapassado os americanos, sobretudo em suprimentos manufaturados; em 1931, o capital alemão era calculado em 110 milhões de marcos, e em 1941, as fortunas alemãs no Brasil eram estimadas em 900.000 contos.

*

2. — *Espanha e Portugal.*

Na Espanha, o centro mais ativo é a *Escuela de Estudios Hispano-Americanos*, em Sevilha, onde se publicam os *Anuarios de Estudios Americanos*, reunindo ensaios de estudiosos hispano-americanistas, e as publicações da própria *Escuela*, com mais de 227 títulos. A *Escuela* edita também a *Historiografia y Bibliografia Americanistas*, dirigida por Francisco Morales Padron, já com 18 vols. Menos ativo é o *Seminario de Estudios Americanistas*, da Faculdade de Filosofia y Letras de Madrid.

As bibliotecas e arquivos são muito ricos sobre o Brasil e já foram objeto de descrições por F. A. de Varnhagen, Pedro Souto Maior e recentemente João Cabral de Melo, neto, em *O Arquivo das Índias e o Brasil* (Rio de Janeiro, Ministério das Relações Exteriores, 1966),

afora os vários catálogos especiais que arrolei n'*A Pesquisa Histórica no Brasil* (São Paulo, 2a. ed., 1969).

*

3. — *Portugal.*

Em Portugal, os Institutos de Estudos Brasileiros em Coimbra e Lisboa limitam-se a possuir uma biblioteca e pouco realizam. A riqueza documental é a maior de todas, seguida somente pela Inglaterra, e seus acervos têm sido bastante estudados, e registrei n'*A Pesquisa Histórica no Brasil* o que havia sido feito até aquela data. O Arquivo Histórico Ultramarino, a maior fonte de história colonial brasileira, ainda não está definitivamente conhecido, só parte do Rio de Janeiro, Bahia, Pernambuco, sendo São Paulo o único acervo definitivamente arrolado. Este ano (1975) encontrei no Arquivo uma professora cearense levantando o material sobre o Ceará, e um professor de São Tomé examinando as gavetas do Rio Grande do Norte e de Santa Catarina, por serem as menores. Sua intenção é trabalhar no material brasileiro, o que pode servir-nos para futuros trabalhos de inventariação.

A Agência Geral do Ultramar publicou enorme bibliografia factual e interpretativa colonialista sobre o Brasil.

A publicação mais util era o Boletim Internacional de Bibliografia Luso-Brasileira, sustentado pela Fundação Calouste Gulbekian, que no volume XIV, nº 4, de outubro-dezembro de 1973, comunicou cessar sua saída, por motivos econômicos.

*

4. — *Países Escandinavos.*

Nos países escandinavos, a Suécia sempre foi a mais interessada na América Latina. Por isso fundaram dois Institutos Latino-Americanos, o de Gotenburgo (1939), e o de Estocolmo (1951), reorganizado em 1969. O primeiro, sob a competente direção do Dr. Nils Hedberg, já falecido, com uma biblioteca de 25.000 volumes, publicou uma valiosa coleção de estudos hispano-americanos por vários autores suecos, sendo sobre o Brasil: Johan Brelin, *De passagem pelo Brasil e Portugal em 1756*, Lisboa, 1955; *1755. Breve testemunho dum sueco por Frederic Christian Sternleew*, Lisboa, 1958; *Felipe, Henrique e outros nomes próprios em Portugal e na Europa*, por Olof Brattö, Lisboa, 1958; *De Portugal ao Brasil. Um pequeno estudo de toponímia brasileira*, por Ivan Lind, Lisboa, 1963; e sobretudo mais geral, mas mais importante, Sverker Arnoldsson, *Los momentos historicos de America según la historiografia hispanoamericana del periodo colonial*, Madrid, 1956; O segundo, dirigido pelo Professor Magnus Mörner,

autor de vários e valiosos estudos sobre a América Latina e o Brasil: *The Political and Economic Activities of the Jesuits in the La Plata Region. The Hapsburg Era*, Estocolmo, 1953; *El Mestizaje en la Historia de Ibero America. Informe sobre el estado actual de la investigacion, elaborado por Dr. Magnus Mörner*, Estocolmo, 1960; *Race and Class in Latin America*, New York, 1970, como editor, e vários outros.

Magnus Mörner preparou o *Guia de fuentes para la historia de Ibero-America: Escandinavia*, Arquivo Nacional da Suécia (Riksarkivet).

Já tive ocasião de publicar uma resenha sobre o livro de Sven Alo Swärd *Latinamerika I svenska Politik under 1810 och 1820 Talen*. (A política latino-americana sueca entre 1810 e 1820).

A melhor síntese do estudo da história e da sociedade latino-americana na Escandinávia é a coleção de relatórios apresentados à Conferência organizada pelo Instituto de História Política, realizada pela Universidade de Turku, na Finlândia, em setembro de 1970 (*The Study of Latin American History and Society in Scandinavia*, Estocolmo, 1973). Nele se encontram os estudos de Bent Erik Morillas, *Historical Research on Latin Amerika*, na Dinamarca; de Olavi Lähteenmäki sobre *The Possibilities of Historical Research on Latin America*, na Finlândia; de Gudmund Stang, *Norway and Latin America*, de Magnus Mörner, *The Possibilities of Historical Research on Latin America, Sweden*; de Harold Runblom, *Swedish Entreprises in Latin America prior to World War II*; de Tord Hoivik, *Social Science Research on Latin America: de Magnus Mörner, Historical and Social Science Research on Cuba*. Todos os estudos contem uma bibliografia dos autores dinamarqueses, finlandeses, noruegueses e suecos.

A maioria dos trabalhos são sobre viagens, índios e a situação contemporânea. Merecem destaque os estudos sobre a firma Anth. B. Nilson (*Kraemmerin og hans hus Anth. B. Nilsen & Vo. Limited A/S*. O comerciante Anthn. B. Nielson & Co. Ltd. A/S. Oslo, 1965); o ensaio de Harald Runblom mostrando a importância da companhia A. G. A. e suas subsidiária no Brasil, a Companhia Gasacumulador do Rio de Janeiro; e o de Thomas Gerholm e Irene Matthis, *Fallet Brasilien. En Studie i Kapitalismus Kris och revolutiones möjligheter*. (O caso do Brasil. Um estudo sobre a crise do capitalismo e as possibilidades para a revolução), Estocolmo, 1970.

Harald Runblom especializou-se no estudo das empresas suecas no Brasil, como mostra sua tese de doutoramento em Uppsala, *Svenska företag i Latinamerika Etableringsmönster och förhandlingstaktik* (As empresas suecas na América Latina. O curso do seu estabelecimento e táticas nas negociações; com um sumário em inglês), 1972.

Magnus Mörner é o principal estudioso escandinavo sobre a América Latina, e além das obras citadas e do *Guia* referido, ele escreveu *Swedish Contributions to the Historical Bibliography of Latin America*, na *The Hispanic American Historical Review* (agosto de 1954, 393-398). Possui um levantamento bibliográfico de livros e artigos suecos sobre o Brasil, diferente do apresentado por Magnus Mörner neste estudo.

Em 1974, o Instituto de Estudos Ibero-Americanos de Estocolmo publicou *Actividades durante el año laboral de 1973-1974*, Estocolmo, 1974.

*

5. — Holanda.

Na Holanda, a riqueza de fontes sobre a história do domínio colonial holandês no Brasil já teve muitos estudiosos desde Varnhagen, Netscher, Joaquim Caetano da Silva, José Higinio Duarte Pereira, Hermann Wätjen, Pedro Souto Maior, Charles Boxer, José Antônio Gonçalves de Melo, neto, e o autor destas linhas, que tanto nas *Fontes da História do Brasil na Europa* (Rio de Janeiro, 1959), quanto na *Historiografia e Bibliografia do Domínio Holandês no Brasil* (Rio de Janeiro, 1949), e ainda n'*A Pesquisa Histórica no Brasil* (2a. ed., São Paulo, 1969), registrou os esforços dos pesquisadores e as fontes existentes, acentuando a persistência, fidelidade e grande proveito dos estudos de José Antônio Gonçalves de Melo, neto. O *Koninklijk Instituut voor de Tropen* (Real Instituto para o Trópico) interessa-se indiretamente pela América Latina, enquanto o *Spaans, Portugees en Ibero-Amerikaans Instituut* (Instituto Hispano, Português, Ibero-Americano) de Utrecht e o Centro de Estudios e Documentación Latino Americano de Amsterdam colecionam informações, reúnem documentação, dão cursos sobre a América Latina. A última publicação, *Guide to the Sources in the Netherlands for the history of Latin America*, por M. P. H. Roessingh (arquivista do Arquivo Nacional, Haia, 1968), compila todas as fontes sobre a América Latina existentes nos Arquivos, Bibliotecas e instituições holandesas, afora as coleções familiares e privadas.

*

6. — República Democrática Alemã.

Na República Democrática Alemã, publicou-se também o *Guia das Fontes*, como soube na Alemanha Ocidental, e tive oportunidade em São Francisco, este ano, no XIV Congresso Internacional de Ciências Históricas, de pedir ao Professor Manfred Kossok, especialista de América Latina, que me obtivesse um exemplar.

*

7. — *Áustria, Japão, Índia.*

Tambem na Áustria existe o *Oesterreichen Lateinamerika-Institut*, dirigido pelo Dr. E. Becker Donner, e no Japão a Universidade de Sofia (jesuítica) possui um Centro Luso-Brasileiro, e promoveu, em 1979 e 1972, colóquios de estudos luso-brasileiros. Considerando a importância dos capitais investidos no Brasil (mais de meio bilhão de dólares?) não tem havido o necessário interesse cultural, nem têm os japoneses promovido a criação de centros de estudos brasileiros. A razão simples deve ser a de que eles têm mais de meio milhão de japoneses no Brasil, que conhecem a língua, um pouco da história e dos costumes — no que diferem de ingleses, americanos e franceses.

Um estudante preparando sua tese de doutoramento sobre as relações entre a Índia e o Brasil, Mohanlal Morzaria veio buscar orientação comigo, vindo de Nova Delhi, e aqui esteve cerca de um ano, o que evidencia um interesse novo, no Oriente, pelo Brasil.

Das dezesseis Universidades australianas, quatro possuem estudos latino-americanos, e duas — uma já referida — dão especial atenção ao Brasil.

* *
*

IV

OS ESTUDOS BRASILEIROS NA UNIÃO SOVIÉTICA.

O interesse russo pelo Brasil data do século dezoito, quando se pensou em estabelecer uma colônia russa no Brasil (Francisco Moraes Padron, *Los rusos en Brasil, siglo XVIII*, Sevilha, 1976). No século dezenove, coube a Pedro de Balk Poleff, enviado extraordinário, fazer o primeiro discurso oficial no Brasil, na presença de D. João VI, do qual deu um resumo o *Correio Braziliense*, de Hipólito da Costa.

Veiu depois George Heinrich, Barão de Langsdorff, alemão de nascimento e ministro russo no Brasil, que fez várias expedições ao interior do Brasil, de que deram notícia, na *Revista* do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, Hercules Florence e Alfredo d'Escragnonne Taunay. A narrativa de sua estada em Santa Catarina aparece no seu livro *Bemerkungen auf einer Reise um die Welt in den Jahren 1803 bis 1807* (Franckfurt, 1812, trad. inglesa, Londres, 1820. "Observações sobre uma viagem ao redor do Mundo nos anos de 1803 a 1807").

Desta missão participou Otto von Kotzebue, comandando um dos navios, o qual esteve depois de 14 de novembro a 10 de dezembro de 1823 no Rio de Janeiro. Do seu livro, *Neue Reise um die Welt in den Jahren 1823-1826* (São Petersburgo, 1830), “Nova viagem ao redor do mundo nos anos de 1823 a 1826”, extraiu Rodolfo Garcia o resumo sobre a estada no Rio de Janeiro e o publicou na *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (t. 80, 1916).

Langsdorf voltou ao Brasil em 1813, fez várias excursões pelo interior do Brasil, retornou à Europa, chefiou uma expedição aos Montes Urais, e, em 1825, voltava ao Brasil dirigindo uma expedição estipendiada pelo Tsar Alexandre I, da qual faziam parte cientistas como o botânico Ludwig Riedel, o zoólogo Christian Hasse, o astrônomo Rubzoff, e o desenhista Moritz Rugendas. Uma missão importante, que deixou grandes resultados científicos. Em outubro de 1974 realizou-se na União Soviética um Congresso comemorando o 200º aniversário do nascimento de Langsdorf, ao qual compareceram latino-americanistas de todo o mundo.

A viagem de D. Pedro II à Rússia, em 1876 não teve efeitos históricos. O primeiro imigrante data de 1872, o primeiro grupo de 1881, e a primeira fase imigratória de 1918-1920, quando o governo brasileiro ofereceu terras a 2.500 famílias ucranianas.

A longa fase de desconhecimento mútuo, de falta de relações oficiais, não motivou uma bibliografia, mas o restabelecimento, a ruptura e a reabertura diplomática deram alento aos estudos soviéticos sobre o Brasil.

É depois da Segunda Guerra Mundial que a União Soviética inicia estudos intensivos sobre a América Latina em geral. O desenvolvimento foi tão expressivo, que a Biblioteca do Congresso promoveu a pesquisa e publicação da *Latin American in Soviet Writings, 1945-1958. A Bibliography*, compilada por Leo A. Okinshevich e Cecília J. Gorokhoff (Washington, 1959).

A Bibliografia alista 2.200 entradas de trabalhos escritos originalmente por russos e também traduções russas de estudos relativos à América Latina, escritos por autores de todas as nacionalidades entre 1945 e 1958. A matéria é apresentada numa excelente divisão temática.

Nesse mesmo ano de 1958, o Professor Manfred Kossok, da Universidade de Berlim Oriental, e depois de Leipzig, escrevia: *Zum Stand der sovietischen Geschichtsschreibung über Lateinamerika* (Sobre o estado da historiografia soviética relativa à América Latina) na

Zeitschrift für Geschichtswissenschaft (vol. VII, 1959, 426-441), pondo em relevo a importância quantitativa e qualitativa do trabalho dos historiadores soviéticos latino-americanistas, e mostrando que não merecendo senão escassa atenção até pouco antes, o assunto ou a área se vinha convertendo em uma febril atividade historiográfica.

A súbita curiosidade historiográfica soviética surgida depois da Segunda Guerra Mundial era devida, segundo Kossok, à crescente importância econômica e política das nações latino-americanas.

O interesse da URSS pelos estudos latino-americanos baseia-se nas relações comerciais que vem crescendo substancialmente.

Logo em seguida aparecia o estudo crítico soviético sobre a *The Hispanic American Historical Review* ("A Soviet Criticism of the H. A. H. R.", *The Hispanic Historical Review*, agosto de 1960), uma pequena introdução ao estudo especial de outro historiador soviético I. R. Lavietskii, *A Survey of the Hispanic American Historical Review* (Uma análise da H. A. H. R.), *id. id.*, 340-360). A crítica de Lavietski é ideológico-marxista, acusando a *The Hispanic American Historical Review* de ser um agente intelectual do imperialismo americano, o que não impediu que a Revista publicasse o artigo. Um ataque semelhante jamais seria publicado no *Voprosi istorii* (Problemas de História). Como se vê da introdução de Oswald, a historiografia soviética tem mais significação política do que científica. A referência ao Brasil limita-se ao tenentismo, visto segundo o artigo de R. A. Alexander, como um movimento pequeno-burguês do exército.

Juan A. Ortega y Medina, na sua *Historiografía Sovietica Ibero-Americana, 1945-1960* (Mexico, 1961), faz uma apresentação comentando os artigos de Kossok, Lavietskii e dois outros estudos soviéticos sobre o México, dando uma tradução do estudo de Kossok, reproduzindo o de Lavietskii e criticando as duas resenhas marxistas, a alemã oriental e a soviética.

Em 1964, sob a direção de Thomas Perry Thornton saía *The Third World in Soviet perspective. Studies by Soviet Writers on the Developing Areas* (O Terceiro Mundo na perspectiva soviética. Estudos pelos escritores soviéticos sobre as áreas em desenvolvimento), Princeton, 1964. Neste livro reuniu o editor 14 estudos soviéticos sobre o Terceiro Mundo, isto é, a América Latina, Oriente e África. O quinto estudo, por S. S. Mikhaylor, *The Study of Latin America in the Soviet Union* (trad. da *Voprosi Istorii* — Problemas de História —, nº 4, 1962, 98-106) é precedido por uma introdução do editor, na qual se escreve que os estudos latino-americanos se situam entre os mais fracos das áreas da "orientologia" soviética. O estabelecimento do Instituto Latino Americano da Academia de Ciência teve

por objetivo cumprir a tarefa de dar direção aos esforços de estudar e conhecer a América Latina, para ajudar a transforma-la politicamente. S. S. Mikhaylov é o diretor do Instituto e seu artigo tem interesse do ponto de vista metodológico, porque revela que tipo geral de trabalho é empreendido pelo Instituto e, particularmente, a orientação política que governa a direção da pesquisa histórica na União Soviética. Nele se afirma claramente que foi depois da Segunda Guerra Mundial que o estudo da América Latina se adiantou rapidamente, treinando especialistas em maior escala, enquanto instituições de pesquisa científica e de altos estudos em Moscou e outras áreas começaram a ocupar-se de assuntos latino-americanos.

Revela-se aí que o Instituto de História da Academia de Ciências da U.R.S.S. planejou a publicação, entre outros, dos *Outlines of Modern and Contemporary Brazilian History, 1500-1945* (Esboços da História Brasileira Moderna e Contemporânea, 1500-1945); outro artigo de interesse sobre o Brasil é o de M. Grechev, *Somes Problems of the Economic Independence of the Countries of Latin America* (Alguns problemas da Independência econômica dos países da América Latina). A coletânea, afora outros artigos, oferece uma indicação das fontes russas, o material em tradução inglesa, todas na mesma orientação política marxista, verdadeiramente pobre de fontes originais.

Dirigido por Stephen Clissold, *Soviet Relations with Latin America, 1918-1968. A Documentary Survey* (Relações Soviéticas com a América Latina, 1918-1968. Um levantamento documental, Oxford, 1970), é um livro muito bem feito, com três grandes divisões: a primeira, de antecedentes; a segunda, sobre o período do Comintern; e a terceira, sobre a Segunda Guerra Mundial, a Guerra Fria, e a coexistência pacífica.

A primeira parte contém apenas três extratos mostrando o interesse da Rússia tsarista pela América Latina, a opinião de Karl Marx sobre Bolívar, e a visão de Lênine sobre a situação não-colonial da Argentina. A segunda e a terceira partes estão divididas por países; na segunda, a parte brasileira, oitava divisão, contém sete documentos, todos relativos aos relatórios oficiais comunistas sobre o movimento de 1935; na terceira parte, reproduzem-se oito documentos entre 1946 e 1964: declarações de Prestes, em 1946; artigo do *New Times*, sobre as tendências anti-soviéticas no Brasil; a visão soviética sobre o exército e o Presidente Eurico Gaspar Dutra, artigo que provocou o rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e a U.R.S.S.; a declaração oficial brasileira rompendo as relações em 1947; a mensagem de Krushev e Brezhnev a Jânio Quadros, em 1961; a resposta de Quadros; a resposta de Krushev às perguntas do diretor da *Última Hora*,

propondo estreitas relações políticas e econômicas entre a U.R.S.S. e o Brasil, em 1963; e as queixas do *Izvestiya* contra os atos anti-soviéticos das autoridades brasileiras em 1964.

Em 1971 era publicado o livro editado por J. Gregory Oswald e Anthony J. Strover, *The Soviet Union and Latin America* (publicado pelo *Institute for the Study of the U.S.S.R.*, Londres, 1970) e neste mesmo ano A. Sizoncko publicava *U.R.S.S. y America Latina* (Moscou, 1971).

Soviet image of contemporary Latin America; a documentary history (Texas Univ. Press, 1970), é compilação e tem uma tradução de J. Gregory Oswald, com uma introdução de Herbert S. Dinerstein.

A publicação recente de Patrícia Kennedy Grimsted, *Archives and Manuscripts Repositories in the U.S.S.R.: Moscou and Leningrad* (Arquivos e Repositórios de Manuscritos na U.R.S.S.: Moscou e Leningrado), feita pelo departamento de estudos russos da Universidade de Colúmbia, reproduz documentos da seleção de Clissod; o estudo mais importante, porque especialmente dedicado ao Brasil, é o de Russel H. Bartley, *A Decade of Soviet Scholarship in Brazilian History: 1958-1968* (Uma década de erudição soviética em História do Brasil), publicado na *The Hispanic American Historical Review*, agosto de 1970, 445-466.

Neste estudo se vê que há um esforço organizado para treinar profissionalmente latino-americanistas competentes; que começam a aparecer livros didáticos e que as Universidades e outras instituições de alta cultura oferecem progressiva seleção de cursos e o crescente número de estudantes que desenvolvem trabalhos graduados na história da América Latina.

Escreve o Autor que a literatura histórica soviética sobre o Brasil data quase inteiramente do período pós-guerra. O primeiro trabalho a aparecer foi um volume feito em colaboração sob o título *Ocheiki istorii Brazile* (Ensaio sobre a História Brasileira), Moscou, 1962. Foi dirigido por V. I. Ermolaev e outros. Em dez capítulos, os autores discutem os principais aspectos da história brasileira da época colonial até o presente; no décimo primeiro, traçam a evolução da historiografia no Brasil e é seguido por uma cronologia e uma bibliografia.

Em 1961, A. N. Glinkin publicava *Noveishaia istoria Brazili, 1939-1959* (História Contemporânea do Brasil), Moscou, 1961; em 1963, aparecia um trabalho coletivo, *Braziliia, Ekonomika, Politika, Kultura*, (Brasil, Economia, Política, Cultura), Moscou, 1963, contendo 23 ensaios sobre questões de economia, política, cultura e rela-

ções russo-brasileiras. Onze dos doze artigos sobre cultura foram escritos por brasileiros, sendo que o de arquitetura por Oscar Niemeyer.

O Instituto de Etnografia N. N. Miklukho-Maklai publicava *Narody Ameriki* (Os povos da América), Moscou, 1952, 2 vols., sendo que o segundo volume continha um estudo geral sobre a sociedade brasileira. S. Brandão e Z. S. Chernov sumariavam o período colonial e tratavam dos séculos dezenove e vinte.

Três teses de doutoramento eram preparadas por candidatos na Universidade de Moscou e na Academia das Ciências da U.R.S.S. A primeira por Zh. A. Bazarian, *Bor'ba progressivnykh sil Brasiliis reaktsionnoi ideologii imperializma* (A luta das forças progressistas do Brasil contra a ideologia reacionária do imperialismo), tese não publicada, Instituto de Filosofia da Academia das Ciências da U.R.S.S., 1965. Discute o pensamento filosófico e social e a polêmica ideológica do Brasil no século vinte.

A. M. Khazanov, *Osvoboditel'noe dvizhenie v Brazílii v Kolonial'nyi period, 1661-1792* (Movimento da independência no Brasil, no período colonial). Tese não publicada, Universidade Estadual de Moscou, 1958; B. I. Koval apresentava ao Instituto de História da Academia das Ciências, *Klassovaia Bor'ba v Brazílii v period mirovogo ekonomicheskogo Krizisa, 1929-1933 gg* (Luta de classe no Brasil durante a crise econômica-mundial, 1929-1933).

A. N. Glinkin escreveu *Osnovnye etapy i osobennosti istoricheskogo razvitiia Brazílie v gody mirovoi i v poslevoennyi period 1939-1961* (As principais etapas e aspectos do desenvolvimento histórico brasileiro durante a Guerra Mundial e o período pós-guerra). Tese de doutoramento no Instituto Latino-Americano da Academia das Ciências da U.R.S.S.

A principal produção aparece na *Novaia i noveishaia istoria* (Nova e Novíssima História), e em outras revistas especializadas.

A variedade de tópicos é enorme, mas há um interesse grande nos antecedentes da independência, relação entre o sistema da escravidão no Brasil e a acumulação de capital na Europa, nas mudanças sócio-econômicas no século dezenove, na integração nacional, na etno-história da Amazônia, no envolvimento do Brasil no Rio da Prata, em todas as lutas sociais e políticas, Palmares, Conjuração Mineira, no movimento trabalhista, nas lutas de classe, no impacto da inflação sobre a posição econômica da classe operária, na organização dos grupos marxistas e, naturalmente, nos laços econômicos entre o Brasil e a Rússia Imperial, o estabelecimento das relações entre o Brasil e a

União Soviética, e a possível influência da Revolução Russa sobre o Brasil no século vinte.

Quatro únicos artigos biográficos mostram a despersonalização da historiografia na União Soviética. Os quatro são um sobre Tobias Barreto, Zh. A. Bazarian, *Vydaiushchiisia brazil'skii myslitel' 19 veka Tobias Barreto* (O proeminente pensador brasileiro do século 19, Tobias Barreto), publicado no *Vestnik istorii mirovii Kul'tury*, vol. 6, 1959, 111-121; o segundo é sobre Euclides da Cunha, Zh. A. Bazarian, *Brazil'skii progressivnyi myslitel' Evklides da Kun'ia* (O progressista pensador Euclides da Cunha), publicado no *Vestnik istorii mirovoi Kul'tury*, vol. 5, 1961, 97-106; o terceiro e quarto são sobre Lima Barreto, *Bor'ba Lima Barreto za utverzhdenie osvoboditel' mykh i demokrati cheskikh idei v Brazílii* (A luta de Lima Barreto para legitimar as idéias de liberdade e democracia no Brasil), in *Problemy ideology i natsional' noi Kul'tury stran Latinskoi Ameriki* (Problemas de ideologia e cultura nacional nos países da América Latina); o mesmo autor publicou *Lima Barreto — plamennyi propagandist idei Velikogo Oktiabria v Brazílii* (Lima Barreto, ardente propagandista das idéias da Grande Revolução de Outubro no Brasil), em *Novaia i noveishaia istoriia* (Nova e Novíssima História), nº 5, 1957, 91-98.

Em forma de panfleto, apareceu de I. A. Terterian, *Euklides da Kun'ia natsional'nyi goroi Brazílii* (Euclides da Cunha, um herói nacional brasileiro), Moscou, 1959.

A. N. Glinkin esboça a historiografia brasileira do século vinte na sua nova *Istoriografiia v Brazílii (1918-1964)*, publicada na *Istoriografiia novoi i noveishei istorii stran Evropy i Ameriki* (Historiografia da moderna e recente história dos países da Europa e América), Faculdade de História da Universidade do Estado de Moscou.

Vários livros sobre a América Latina incluem capítulos sobre o Brasil, assim como livros de textos para universitários, como indicou Russel H. Bartley no artigo que seguimos. O capítulo que L. IU. Slézkin escreveu sobre a história do Brasil no citado *Essays in Brazilian History*, cuja edição havia sido de 4.000 exemplares, na edição universitária atingiu, na sua primeira tiragem, 25.000 exemplares.

Sem nenhuma tradição erudita, o estudo da América Latina constituiu um ramo novo na pesquisa histórica soviética. Ela fez grandes progressos em relação ao passado, mas precisa fazer muito maiores, pois é destituída de fontes primárias, e é sobretudo dominada pela interpretação marxista-leninista.

No XIV Congresso Internacional de Ciências Históricas realizado em São Francisco, em agosto de 1975, o Professor Alexei Shtrakov

comunicou que entre 1960 e 1965 se publicaram em Moscou grandes volumes de história geral sobre o México, Argentina, Brasil e Chile. Estão agora dedicando seus esforços à investigação do problema da guerra da Independência, sobre a qual editaram vários volumes sobre vários países, mas não sobre o Brasil. Anunciou a existência de monografias já prontas para a publicação, como a de V. Volsky, *Historia Contemporânea do Brasil*, e a de E. Larin, *A política do Presidente Vargas para a classe operária brasileira*, e a de Y. Yanohuc, *Brasil, militares e política*.

Em conclusão os estudos estão sempre ligados ao comércio e aos investimentos, pois é necessário às grandes potências conhecer o país, a gente e a cultura do país em que investem e com o qual comerciam. Das verbas concedidas aos estudos grande parte é *policy-oriented*, isto é, tem fundamento político-econômico, mas parte é livre e desinteressada de objetivos imediatos.

É preciso restaurar o ensino da história pátria no 1º e 2º graus, pois instrução moral e cívica e problemas brasileiros são substitutivos, que se criam em horas anormais e nada significam sem fundamentação histórica; é preciso providenciar as medidas essenciais de criação de bolsas de estudo e de pesquisa, da implantação e melhoria dos cursos de pós-graduação, da ampliação do mercado de trabalho, pois todas concorrerão para que possamos vencer em preparo e competência aos 600 americanos e mais de 400 europeus brasilianistas e sermos os primeiros em Brasil.